

---

“The dream in contemporary psychiatry”

Morton F. Reiser, M.D.

*American Journal of Psychiatry*, vol. 158, p. 351-359, March 2001.

Resenhado por: Josiane de Paula Lima Isaac

## O sonho na contemporaneidade: um elo entre a neurobiologia e a psicanálise

O artigo de Morton F. Reiser, publicado no *American Journal of Psychiatry* em março de 2001, faz um importante levantamento das principais pesquisas contemporâneas sobre os sonhos e de suas relações com os conceitos psicanalíticos postulados por Freud. O autor acredita na importância de delimitar o lugar que o sonho ocupa no cenário atual da psiquiatria, uma vez que vem sendo objeto de pesquisas que avançaram as descobertas neurobiológicas do funcionamento cerebral. Segundo o autor, a questão do sonho não pode mais ser entendida única e exclusivamente pelos conceitos psicanalíticos adotados com frequência na psiquiatria, já que a base de informações sobre o assunto tornou-se mais ampla e complexa a partir das pesquisas recentes.

Para realizar esta discussão e reinterpretar os sonhos na contemporaneidade, o artigo aborda três áreas de pesquisa que apresentam grandes progressos. A primeira é a da neurobiologia e a psicofisiologia (1953-1999); a segunda são os estudos neurocientíficos da percepção,

---

emoção e memória e as inter-relações destes processos na geração do imaginário do sonho e a terceira é a psicanálise.

Inicialmente o artigo trata de expor algumas das principais teorias que se tem feito na atualidade, sobre o sonho, à luz das neurociências. Para tanto, começa falando da importância de experimentos realizados em gatos (1953), descrevendo o sono REM (*rapid eyes movement*) nesses animais. Por meio de técnicas avançadas em neurobiologia e nas ciências da computação, os estudos mostraram que durante o sono acontecia um aumento da atividade elétrica na ponte cerebral e essas atividades estimulavam estruturas mais altas do cérebro, como a área responsável pela visão e o córtex associativo. No entanto, esses experimentos podiam dar conta de explicar os fenômenos cerebrais do sonho, mas não os fenômenos mentais (entendido pelo autor como o conjunto de imagens, seu enredo e a relação com a vida emocional de vigília).

Neste sentido, a grande questão é: ao obtermos os dados das neurociências sobre os processos mentais do sonho e os dados da psicanálise e psicologia clínica, seria possível fazer uma relação de complementaridade ou esses dados são absolutamente irreconciliáveis? Esta é a questão essencial para que se compreenda a natureza mente/cérebro sonhador e se possa dar o seu lugar na psiquiatria contemporânea.

Para Morton, uma maneira promissora de investigar esta questão é mapear a mente dentro do cérebro e correlacionar o conteúdo e o processo da mente sonhadora, com a neurobiologia, fisiologia e anatomia clínica do cérebro do sonhador. Entretanto, o autor também levanta a problemática desta proposta. São domínios diferentes, que usam técnicas e linguagem distintas com níveis de abstração distintos. O estudo da mente lida com uma área em que os fenômenos são imateriais (motivos e significados); a outra área deriva do estudo do cérebro e lida com fenômenos materiais (matéria e energia). Deste modo, a correlação entre o estudo da mente através da neurobiologia e da psicanálise não pode ser uma relação direta de causa e efeito. O autor fala, no seu artigo, que os dados obtidos nestas duas áreas de estudo da mente em relação ao sonho são complementares, porque a psicanálise oferece dados às neurociências que são impossíveis de serem obtidos experimentalmente.

O artigo fala de estudos neurocientíficos e psicofisiológicos realizados em seres humanos, pelos quais tornou-se possível – através dos relatos que os sujeitos faziam de seus sonhos – perceber que o conteúdo onírico estava relacionado com problemas atuais e passados que mobilizavam os sujeitos. Desta forma, destacaram-se os conceitos de memória e emoção no estudo mente/cérebro do sonho. A emoção tornou-se um lugar comum entre as áreas de estudo do cérebro e da mente.

Um dos modelos importantes, ao qual o autor se refere na discussão do seu artigo, é o modelo proposto por Hobson e McCarley em 1977, segundo o qual, o sonho é uma conseqüência de mudanças fisiológicas na região da ponte cerebral, que estimulam o sono REM. A primeira metade da teoria diz respeito à ativação fisiológica

em que há o aumento da atividade fisiológica, estimulando regiões cerebrais que, conseqüentemente, produzem imagens. Estas imagens são o que aparecem como sonho e são completamente aleatórias. Elas existem unicamente como o resultado da estimulação de certas áreas cerebrais quando o sujeito atinge o sono REM. São imagens emitidas sem que haja qualquer relação entre elas. A segunda metade desta teoria é nomeada por síntese, ou seja, é um trabalho do próprio sujeito sonhador de edição das imagens para que se forme uma trama de imagens com sentido. A maneira como o sujeito organiza estas imagens reflete o seu modo de lidar com os afetos que elas causaram, bem como com as idéias perturbatórias que elas podem suscitar.

Hobson e McCarley acreditam que a relevância do trabalho clínico aparece nesta última parte da sua teoria sobre o sonho. Entretanto, asseguram que a síntese das imagens não tem nenhuma relação com um trabalho inconsciente, dentro do que se entende na teoria freudiana. Assim, colocam em discussão conceitos freudianos principalmente no que diz respeito à origem e a função do sonhar. Para eles, o sonho nada mais é do que a conseqüência de um processo fisiológico cerebral, e não um trabalho mental com o objetivo de realização do desejo.

Para Morton, a teoria de Hobson e McCarley explica o sonho como uma ativação cerebral específica, mas não dá conta do fenômeno mental envolvido neste processo. O sono REM é um estado mental, mas, na opinião do autor, isto não quer dizer que o estágio REM é o único responsável pelos sonhos humanos.

*“After all, REM sleep is not the dream.”*

(Afinal, o sono REM não é o sonho).

Outro estudo de grande importância para o desenvolvimento do artigo foi realizado por Mark Solms (1997) que retoma alguns conceitos freudianos, como o conceito de desejo muito usado ao se estudar os sonhos na psicanálise. O desejo a que Freud se refere em sua teoria é um fenômeno psicobiológico que expressa uma necessidade pulsional, cuja fonte é somática. Deste modo, Solms retoma a hipótese de Freud do desejo como uma fonte motivacional (material ou energética) para os sonhos, que surge de dentro do corpo como uma parte do processo metabólico de vida e que cria uma necessidade corporal que requer trabalho do aparelho mental para ser satisfeita. Além disto, por meio das suas pesquisas, Solms conclui que pode haver sono REM sem que o sujeito esteja sonhando e, conseqüentemente, o sujeito pode sonhar sem que alcance o estado REM de sono. As conclusões de Solms contradizem as proposições contemporâneas de Hobson e McCarley e esta é uma discussão atual quando se estuda o tema.

Para o autor do artigo, um aspecto importante na discussão dos sonhos e seus processos é o estudo do papel da memória no conteúdo manifesto do sonho. Ele acredita que as experiências de vida emocionalmente significativas são guardadas na memória e usadas nas imagens dos sonhos. As imagens relacionadas às experiências passadas são as referências mnêmicas do sujeito sonhador.

Pesquisas realizadas por Kandel e publicadas em 1999 supõem a idéia de que redes neuronais de memórias são organizadas pela emoção. Tais redes neuronais são organizadas em volta de um centro de imagens perceptivas que trazem memórias de eventos antigos que foram experienciados na infância.

A memória de uma experiência nova une-se com a memória antiga porque provoca no sujeito emoções idênticas ou similares. A imagem do sonho evoca uma emoção (o ponto nodal das lembranças) e uma cadeia de memórias passadas. Através da livre associação é possível alcançar esta rede de memórias e a emoção que as ligam.

Morton fala que os conflitos atuais de pacientes condizem com memórias relevantes de situações problemáticas passadas que estavam registradas na memória dos pacientes como imagens. Deste modo, o autor acredita que as imagens ocorrem no sonho por causa do afeto que elas representam e não porque são frutos de uma estimulação aleatória que ocorre no sono REM. Para Morton, o cérebro dá apoio para o processo mental ocorrer.

O sonho é uma ponte que liga os processos cerebrais e mentais, pois a mente explora um estado fisiológico especial do sujeito produzindo um sonho.

O artigo nos leva a uma reflexão de que os postulados freudianos sobre o sonho atualmente podem ser reescritos utilizando uma linguagem adotada pelas ciências experimentais. A grande descoberta ocorreu ao lançar-se luz sobre os sonhos como objetos importantes de estudos. Quando Freud apontou a importância dos sonhos para se entender o ser humano, uma imensa gama de processos mentais e cerebrais completamente intocados puderam vir à tona. Ao estudar esses processos o homem se aproxima cada vez mais de sua natureza.

Morton questiona a supremacia da teoria psicanalítica dos sonhos, adotada com unanimidade pela psiquiatria a partir da década de 50, quando traz as pesquisas neurológicas contemporâneas à discussão do que até então era visto com um único olhar. Além disso, faz uma bela defesa da integração entre as neurociências e a psicanálise em prol de um estudo cada vez mais completo do sonho.

“O corpo na metapsicologia”

Ivanise Fontes

*Revista de Psicologia da PUC-RJ*, vol. 12, n. 1, 2000, Ed. 7 letras

Resenhado por: Madalena de Castro Santos

## O corpo na metapsicologia

O artigo de Ivanise Fontes sintetiza as reflexões apresentadas em sua tese de doutoramento – “Memória corporal e transferência” – defendida na Universidade Paris 7.

Sua investigação sobre a existência de uma memória corporal, constituída por fragmentos e impressões sensoriais da tenra infância, busca fundamentação teórica em S. Freud e S. Ferenczi. Das considerações de Ferenczi sobre o trauma, a articulista conclui que o corpo surge como referência decisiva. Ou seja, para Ferenczi, a “lembrança” do traumático fica impressa no corpo e é somente lá que ela pode ser despertada. Os registros das sensações, num espaço temporal primitivo, inscrevem-se no corpo, antes mesmo da aquisição da linguagem. A partir daí, tomam o lugar de algo não representável – o inominável. Dessa forma, não são passíveis de recalçamento, pois nunca foram representadas simbolicamente, e não podem ser rememoradas.

Dos textos freudianos “Projeto de uma psicologia para neurologistas”, “Três ensaios sobre a sexualidade”, “A pulsão e seus destinos”, “O ego e o id” e “Construções em análise”, são extraídos trechos que esclarecem o pensamento metapsicológico de Freud a respeito do corpo. A “experiência de satisfação”, postulada por Freud, aponta para o fato de que existem registros muito precoces ligados às primeiras experiências do bebê, sejam elas prazerosas ou não. Segundo a autora, “... a idéia freudiana de *Eindrücke*, utilizada um grande número de vezes na obra inteira e cujo equivalente em português seria ‘impressão’, ‘marca’, pode nos ajudar nessa compreensão”. Tais impressões, precocemente registradas, podem ser tanto de origem endopsíquica como podem resultar de experiências vividas no contato com o mundo externo. Ao fazer tais considerações a autora amplia a possibilidade de exploração da premissa de que o ego esboça-se a partir da identificação da auto-imagem do bebê com a imagem do outro. A relação intersubjetiva constitui o ego a partir do outro.

Há um consenso sobre o fato de que os registros mnêmicos das sensações primárias, quando em “estado ligado”, podem entrar no sistema de relações que compõe o processo secundário e se prestarem à formação de lembranças, fazendo parte integrante do memorizável. No entanto, “os traços que são, ao contrário, em certa medida inaptos ao processo secundário, não constituem, propriamente falando, lembranças. São seqüelas de impressões deixadas pelas experiências ‘originais’ cuja libido não se desenvolveu”. Tais traços mnêmicos “... se prestam às conjunções anacrônicas com as seqüelas de impressões posteriores, notadamente aqueles restos diurnos que colocam em ação a atividade onírica”. Há que se discutir, aqui, se eles não se prestariam, também, à formação de sintomas, em especial os sintomas físicos; e, nesse sentido, se não seria essa a explicação metapsicológica que poderia fundamentar a psicossomática.

Citando J.-B. Pontalis (1997), a autora faz considerações importantíssimas sobre o processo transferencial: “Podemos então pensar que a transferência fornece a possibilidade de repetição, mas o que é repetido nessas circunstâncias são fragmentos de sensações, mais do que representações recalçadas. São portanto sensações que assaltam o espaço analítico; inscrições que se deram em outra ordem, a ordem do sensorial, e que não têm acesso ao simbólico. É essa atualização da sensorialidade precoce, através da transferência, que está em jogo. Segundo P. Fédida (1985), “... é na transferência e pela transferência que se enuncia repetitivamente no presente o impronunciável do infantil”.

Reconhecendo esse acesso direto das sensações ao consciente, pode-se explicar a invasão súbita de manifestações somáticas dentro do espaço analítico.

Para a autora, seu artigo “... tem a intenção de ser mais uma contribuição ao redimensionamento da noção de corpo na teoria e técnica psicanalítica”. Para nós, interessados nessa questão, o artigo instiga muitas perguntas e aponta para a possibilidade de uma releitura dos textos originais, agora com o foco direcionado para as questões do corpo sensível.